

ESTÁGIO SUPERVISIONADO II: ANÁLISE E REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE

Evyllaine Matias Veloso Ferreira.

Estudante do Curso de Geografia – UEPB, autora; e-mail: evyllainemvf@hotmail.com

Viviane Paiva dos Santos.

Estudante do Curso de Geografia – UEPB, coautora; e-mail: vivianepaivaps@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado II em Geografia (obrigatório) faz parte da grade curricular do curso da Universidade Estadual da Paraíba, onde o aluno estagiário se prepara para um dos processos de profissionalização docente na escola. O Estágio II ocorre com alunos do Ensino Médio, num período de dois meses, na escola conveniada a Universidade que seja escolhida pelo estagiário. Neste período o estagiário tem o compromisso de ministrar as aulas de Geografia, em uma determinada turma, com auxílio do professor regente e com a avaliação do professor orientador do estágio. O estágio ocorreu na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Félix Araújo, com alunos da 2ª série do ensino médio, no período noturno.

O Estágio Supervisionado visa integrar a Universidade ao ambiente escolar e tem como objetivo geral, vivenciar diferentes dimensões de atuação profissional no contexto escolar, promovendo a articulação entre teoria e prática e busca soluções para os desafios inerentes a atividade do professor, de forma contextualizada, crítica e atualizada. É através deste trabalho, que tem por objetivo relatar a experiência em sala de aula de forma clara e objetiva, que será discutido a realidade, as dificuldades e a contradição de algumas teorias.

Com o estágio é possível observar e analisar como o ensino de Geografia é ensinado na escola, quais dificuldades dos alunos em aprender a Geografia e qual é a metodologia do professor utilizada na sala de aula. O estágio é um período de aperfeiçoamento entre a teoria estudada durante o curso e a prática efetiva. De acordo com Antunes, et.al. (2010, p.117) é fácil ensinar Geografia para seus alunos é só desvendar as diversas identidades da Geografia e deixar o aluno pensar de acordo com seu gosto, sua realidade.

No ensino de Geografia em específico é necessário que o professor relacione os conteúdos abordados em sala com a realidade local e com o global, para que as aulas

tenham um melhor aproveitamento e aprendizado. Assim o estagiário deve promover aulas relacionadas com o perfil geral dos alunos, para não desvincular o trabalho do professor regente e para efetivar a assimilação dos conteúdos.

Este trabalho trata-se de um relato cujos procedimentos utilizados foram: pesquisa bibliográfica para embasar o caráter teórico do trabalho, descrição da realidade, registro fotográfico do ambiente escolar, registro de planos de aula, atividades desenvolvidas na sala de aula e registro de aulas.

Teoria e prática na docência

Os cursos de formação de professores no Brasil, as Licenciaturas objetivam formar professores aptos à realidade escolar. Para isto, dispõem de uma grade Curricular muito teórica e pouca prática. De fato é indispensável estudar os Teóricos e suas contribuições para a Ciência, mas a realidade que transcorre fora das Universidades, é muitas vezes contraditória. Por isso, muitos alunos licenciados não estão preparados para enfrentar uma sala de aula composta de alunos com diversos problemas, com diferentes ideias e opiniões. Assim explica Cavalcanti, que o ensino é um elo dinâmico que envolve alunos, professores e a matéria estudada, ou seja, vai além das teorias, é ação, vivência, “O ensino é um processo dinâmico que envolve três elementos fundamentais: o aluno, o professor e a matéria. Os três elementos estão interligados, são ativos e participativos, sendo que a ação de um deles influencia a ação dos outros”. (CAVALCANTI, 1998, p.48)

Entender o ambiente escolar, vivenciar o cotidiano de alunos, professores e de todo corpo estrutural, é de fundamental importância ao aluno da Licenciatura. Essa é a prática que a teoria não explica! É necessário conciliar os conceitos a realidade, pois com a vivência pode-se assimilar melhor tudo que foi teorizado em sala e repassar em forma de aprendizagem.

Nos cursos de Licenciatura em Geografia essa realidade não diverge. Estudar diversos conteúdos sem aprender a transformá-los para a realidade dos alunos é um grave problema das Academias. A teoria só é eficaz quando pode ser real, ou seja, quando é possível a ligação do local, regional e do global. Assim qualquer conteúdo é assimilado com maior eficácia pelos alunos da rede particular ou pública. Mas não é o que ocorre com a geografia escolar, os professores trabalham com uma realidade distante, abstrata dos alunos, como menciona Oliveira, “A geografia escolar, apesar de

uma predisposição aparente a tratar do mundo que nos rodeia, acabou se desenvolvendo no mesmo plano das outras disciplinas, um plano antes de tudo marcado pela abstração.” (OLIVEIRA (org.), 1998, p.15)

A Geografia está perdendo seu caráter de ser uma ciência investigativa, real, concreta, social, para ser tornar uma ciência teórica, subjetiva, que se prende a minuciosos detalhes, como a descrição, a classificação e a nomenclatura. Esquecendo que o fundamental é a explicação, a análise e a interpretação dos fenômenos ligados intrinsecamente com o natural, o social e a economia. Deve-se ter cuidado para que a Geografia escolar não se torne uma ciência do enciclopedismo que apenas contém informações e não leva o aluno a pensar, a ser crítico e observador, segundo Oliveira, “O enciclopedismo contribuiu para a abstração crescente do discurso geográfico, ao mesmo tempo que alimentou o tédio das gerações de alunos que classificaram a geografia entre as matérias a memorizar.” (OLIVEIRA (org.), 1998, p.19)

Essa realidade em que a Ciência Geográfica está inserida é um problema muito antigo e começa na formação de professores, a teoria é mais importante que a prática. O discente deve teorizar todos os conteúdos para obter uma nota. Já a prática só ocorre no final do curso e também para obtenção de nota. O caráter memorizador da Geografia também está inserido nas Universidades! É necessário uma equivalência entre a teoria e a prática, pois são elementos intrínsecos na formação de professores.

O intuito é redemocratizar o ensino de Geografia, através da reflexão na formação de novos professores e dos que já estão em exercício, ou seja, analisar a Geografia acadêmica e a Geografia escolar, através da formação continuada e eficaz do profissional professor, como bem discuti Cavalcanti:

[...] salienta-se hoje a necessidade de formação contínua de todo e qualquer profissional, o vale, certamente, com muita propriedade para o professor, pelas peculiaridades de formação profissional contínua no interior e no cotidiano da escola. E como fazer isso? Entre outras práticas, considero adequado promover atividades (tempos e espaços) da reflexão sistemática e coletiva pelos professores sobre seu trabalho docente. Essa reflexão visa à construção de saberes docentes, dos quais destaco a construção do conhecimento sobre a Geografia escolar. Por sua vez, a construção consciente de conhecimentos pelo professor, com base na reflexão teórica e coletiva, é uma contribuição do espaço institucional para a prática docente com autoria, demanda já muito apontada para um projeto de educação escolar de qualidade. (CAVALCANTI, 2006, p.46)

Repensar a prática docente é também repensar a metodologia no ensino de Geografia. Reformular a estrutura curricular nas Universidades, fazendo a junção entre

as disciplinas de cunho específico (teoria) com as de cunho pedagógico (prática) facilitará o cotidiano do docente, pois o licenciando aprenderá como utilizar aquele determinado assunto em sala de aula. Assim a licenciatura terá o real papel, o de ensinar e formar cidadãos aptos a lecionar.

O Estágio Supervisionado e seus desafios na Licenciatura

A disciplina de Estágio é anual e dividida em duas fases, a primeira é o estágio no Ensino Fundamental e a segunda é no Ensino Médio. É no estágio que será posto em prática tudo aquilo que foi aprendido na Universidade e aprender com diversas experiências em sala de aula. O aluno estagiário será avaliado pelo professor regente e pelo professor orientador. Esta avaliação é de grande importância, pois todos os quesitos de comportamento, postura, dinâmica, segurança no conteúdo, tom de voz, equilíbrio, entre outros serão julgados.

O Estágio I com alunos de 6º ano noturno foi uma experiência gratificante, apesar de não lecionar, por motivo de greve. O contato com os alunos e professores, a metodologia utilizada pela professora e o seu desânimo profissional, serviram de avaliação e de aprendizado. A avaliação pelo professor orientador foi através de microaulas ministradas na própria Universidade e através de um relatório que continha a observação da escola e a experiência das microaulas. Os conteúdos trabalhados em cada microaula foram sobre as Categorias da Geografia: lugar, paisagem, região, território e espaço.

No Estágio II por competência do professor orientador a metodologia foi alterada. Primeiro os três meses do segundo semestre setembro, outubro e novembro, foi de experiência concreta, ou seja, ministrar aulas com supervisão do professor orientador. A segunda etapa é avaliação dos relatórios, apresentação e discussões de texto em sala. Essa nova metodologia foi realmente pensada para assegurar os alunos de seu direito e para incentivar e prepará-lo para sua profissão. Também serão apresentados os relatórios para dividir as experiências envolvidas no estágio e leituras de texto para aprimoração teórica.

Repensar a metodologia e discutir meios que favoreçam a locomoção dos alunos, a localização das escolas, os horários, a ampliação dos convênios pelas escolas, será de imensa importância não só para alunos do curso de Geografia, mas, para todos que fazem Licenciatura. O Estágio não é uma disciplina qualquer, é a disciplina chave

da Licenciatura e merece uma atenção maior da própria Universidade. Mas nenhum aluno deve considera-se um professor acabado, pronto para apenas repassar conteúdos, sem considerar o sujeito aluno, como cidadão. Temos como base a reflexão de Kaercher:

[...] nenhum professor pode sair de uma universidade considerando-se um simples “repassador de conteúdos”. Deve priorizar sua ação como cidadão em sala de aula e isto implica em priorizar nos alunos o desejo de participação, dentro e fora da sala. [...] devem, à universidade e à escola, enquanto instituições, agir em prol dessa construção utópica e dessa reformulação ética, ainda que com as limitações que lhes são inerentes. (KAERCHER, 1999, p. 135)

Faz-se necessário também discutir sobre a importância do Estágio Supervisionado, entender que não é apenas um local para “despejar” técnicas e teorias aprendidas durante o curso. O Estágio é palco de relações pedagógicas entre a escola e a Universidade, por isso cada estagiário deve respeitar as normas da escola e contribuir com seu progresso, trazendo novas experiências para os alunos e demais componentes da escola hospedeira.

A Geografia escolar e a prática educativa

O objeto de estudo da ciência Geográfica é o espaço, como é organizado, transformado e como são relacionados o meio natural, a economia e sociedade. Mas, nas escolas brasileiras o ensino de Geografia acaba tornando-se um estudo que leva o aluno a decorar a matéria, sem interpretá-la e conseqüentemente sem aprendê-la de fato.

O professor é escravo do livro didático, tornando-se um professor da metafísica, ou seja, daquilo que é inerte, que não se podem sofrer mudanças, é concreto. Por isso não pode-se esquecer que a sociedade é sujeito de todas ações do espaço, assim quando não a considera, está desenvolvendo a Geografia estática, como relaciona, Oliveira: “A geografia metafísica se desenvolve, portanto, toda vez que, na abordagem da natureza ou do quadro físico, excluimos o homem, suas necessidades, suas interações, etc.” (OLIVEIRA, (org.) 1998, p.85)

A sociedade não deve ser esquecida, pois ela é palco de todos acontecimentos ocorridos em todo mundo. Por isso o aluno deve ser consciente de sua importância na sociedade e qual é o verdadeiro papel da Geografia escolar, ou seja, estudar as formas de espacialidades e suas influências sobre o espaço, segundo Cavalcanti:

[...] a geografia escolar é considerada no processo como uma das mediações importantes para a relação dos alunos com a realidade. [...] a geografia escolar lida com conhecimentos sobre o espaço, visando o raciocínio espacial, necessário ao exercício da cidadania, [...] (CAVALCANTI, 1998, p. 48)

A necessidade é de transformar as aulas de Geografia em aulas práticas, que sejam voltadas para a realidade e para os assuntos de interesse dos alunos. Dominar os conteúdos e transmiti-los de forma prazerosa é o segredo para o aprendizado, como relata (ANTUNES, et.al. 2010, p. 27):

Uma aula de Geografia que explora o tema proposto através de linguagens diferentes, que usa os saberes existentes na estrutura cognitiva do aluno para mostrar novos saberes, que o ajuda a associar o apreendido às suas emoções, e que clarifica o que se expõe com uma nítida organização, é sempre uma aula com conteúdos mais fáceis de serem lembrados.

O professor acaba se adaptando a uma única metodologia de ensino e esquece que os alunos gostam de ser surpreendidos com novas formas de entender o assunto. Utilizar o mapa, o computador, revistas, jornais, músicas, literatura, entre outros recursos, fazem dinamizar as aulas e compreender a Geografia de uma forma mais acessível e lúdica.

Em muitas escolas a disciplina de Geografia não tem um caráter de reprovação, diferente das disciplinas de Matemática e Português, por isso para muitos alunos, a Geografia não é importante. Cabe ao professor de Geografia mostrar a seus alunos, que a importância da disciplina não está neste critério, mas, na de formar cidadãos que conhecem seu ambiente e interpretam as relações que nele ocorrem. “Quem ensina Geografia, explica cidadania.” (ANTUNES, et. al. 2010, p. 27)

O Ensino Médio e sua metodologia cotidiana

Ensinar Geografia nas séries de nível médio muitas vezes não é fácil, pois é nesta etapa dos estudos que os alunos se preparam para o exame do vestibular. A cobrança é muito maior os pais, os professores, a escola e a sociedade, todos cobram o mesmo objetivo, o ensino superior. Com isto, o aluno fica muito fragilizado e acaba perdendo o sentido de aprender para vida, e passa a estudar para aprender, ou memorizar para o vestibular.

A Geografia no ensino médio é dicotomizada em Geografia Física e Humana, ocorrendo uma ruptura no sentido do objeto Geográfico. A Geografia Física torna-se

mais valorizada pelos alunos, por ter um valor de pontuação maior na prova do vestibular. Também ocorre a redução das aulas por semana, as aulas são apenas uma meta para vencer o conteúdo programático do vestibular. De acordo com Oliveira, os alunos precisam evidenciar o interesse pelas dinâmicas ocorridas nos processos humanizados do espaço, e não se prender a detalhes tão físicos:

Ao aluno, cujo campo de interesse é o de conhecer a dinâmica geográfica do espaço que habita (que é essencialmente humana), não interessa a discussão especializada ou detalhada de cada elemento do quadro físico. As referências particulares aos elementos específicos (hidrografia, clima, vegetação, relevo, geologia) deveriam aparecer na medida em que fossem exigências da compreensão mais global das dinâmicas geográficas do país como um todo ou de uma região qualquer. (OLIVEIRA (org.), 1998, p.106)

Essa própria desvinculação entre física e humana, está inserida nos livros didáticos, onde prevalece o detalhamento dos elementos físicos que ocorrem no espaço. Os mapas presentes na leitura são muitas vezes, mapas técnicos distante da realidade do aluno, onde o professor deve explicar cuidadosamente a título de curiosidade e não pensar que Geografia é decorar e aceitar os dados, sem que haja o questionamento e as discussões entre os alunos.

Os livros didáticos também não referenciam o local, o regional, apenas o nacional (território) e o global. A cidade e a região devem ser sempre comentada e estudada pelos professores de Geografia em sala de aula, pois é fundamental esta relação para aprender as representações cartográficas e para interpretar as influências entre o local e o global, o nacional e o estrangeiro, os arranjos e rearranjos e as paisagens.

O ensino da Geografia no ensino médio deve ser repensado e reelaborado pelos professores, relevando o perfil da sala e considerando o aluno como sendo o agente principal no processo de ensino/aprendizagem. A Geografia é a ciência social que visa o estudo dos aspectos econômicos, naturais, políticos, territoriais, espaciais, entre outros. O aluno de Geografia do ensino médio deve ser consciente de aprender sobre estes assuntos e poder criticar, interpretar e transformar sua realidade.

A prática docente na escola

Durante a prática do estágio foram lecionadas oito aulas, com duração de 35 min., no período noturno, na 2ª série do ensino médio. As observações foram entre três dias, houve três dias de imprevistos e um dia, ou aula, para a realização da avaliação

para nota. Com auxílio do professor Eriberto, foram ensinados os seguintes conteúdos: Classificações do Relevo brasileiro - Unidades das depressões - Os recursos minerais e a questão ambiental no Brasil - Retrospecto da questão ambiental no Brasil – Clima, hidrografia e vegetação do Brasil – Domínios Morfoclimáticos – O espaço da atividade industrial no Brasil – A tecnologia e as transformações.

No percorrer das aulas foi possível observar o número pequeno de alunos (15), que pertenciam àquela turma. Por isso o controle de turma foi possível. Apesar do número reduzido de alunos, as aulas não tinham uma participação efetiva da turma, apenas alguns gostavam de ler e comentar. Caracterizavam uma turma muito silenciosa, mas, que tinham interesse em fazer as atividades propostas. Contudo, foram aulas de grande importância e aprendizado. Construimos laços afetivos, que foram incentivados a continuar e a perceber como é bom ser valorizado e reconhecido pelo que você faz.

As aulas foram expositivas, com pequenas participações dos alunos e leituras sobre o conteúdo. A cada aula foi feito um esquema para que os alunos estivessem situados a respeito do tema trabalhado. Ao término de cada aula era proposto uma atividade extraclasse, que eram entregues na aula seguinte. As atividades em sua maioria foram para aprimorar a escrita, a capacidade de redigir em forma de texto e para aguçar o caráter pesquisador e crítico dos alunos. Foi trabalhado também as charges e vídeos de curta duração, que priorizavam a Geografia atual e crítica.

Os recursos não foram muitos, apenas o livro didático utilizado por eles: (TERRA, Lygia; COELHO, Marcos de Amorim. Geografia Geral e Geografia do Brasil: O espaço natural e socioeconômico. Volume único – 1. ed.- São Paulo: Moderna. 2005), a lousa, o pincel, o *Data-Show*, algumas atividades xerocopiadas, charges e vídeos.

O processo avaliativo foi proposto pelo professor regente, pois já era o que vinha sendo trabalhado por ele, e como o resultado estava sendo positivo, foi assim efetivado. Cada aluno que respondia as atividades e entregava no tempo estimado, ganha pontos para ajudar na atividade de avaliação de cada bimestre. Então cada atividade tinha uma pontuação de zero a quatro pontos. Assim todos os alunos eram estimulados a cumprir com suas atividades.

Aspectos estruturais da escola

A Escola Félix Araújo (Estadual da Liberdade) foi fundada em 10 de janeiro de 1966, no governo de João Agripino Filho.

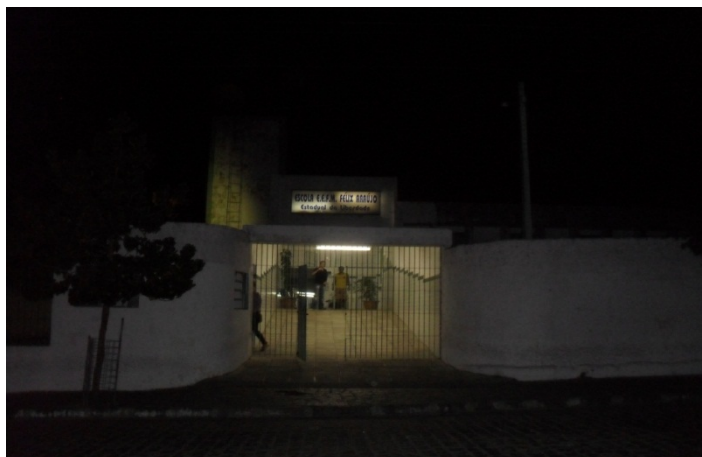


Foto 01: Perfil frontal da Escola Félix Araújo.
Fonte: Evyllaine Matias Veloso Ferreira. Novembro de 2011

A escola é bem equipada dispondo de sala de vídeo, sala de informática, biblioteca, laboratório de Ciências, sala de auditório, entre outros recursos que prevalece e incentiva a presença dos jovens na escola.



Foto 02: Laboratório de Ciências.
Fonte: Evyllaine Matias Veloso Ferreira. Novembro de 2011

A escola também é responsável em promover propagandas de caráter social, para o não envolvimento dos jovens com as drogas. Pois a função da escola é o de orientar para a vida dentro e fora do espaço escolar.



FIGURA 03: Grafit na escola, sobre não às drogas.
Fonte: Evyllaine Matias Veloso Ferreira. Novembro de 2011

Sugestões para o Estágio nas Licenciaturas

A Universidade não deve restringir o estágio apenas nas escolas conveniadas, a escolha deveria ser do aluno, pois diversos critérios como localização, horário de aulas, acessibilidade devem ser analisados pelos estagiários. A inversão da prática na escola no primeiro semestre e o segundo semestre ser o relatório, deve fazer parte efetivamente da grade curricular da UEPB, para que outros alunos possam ser privilegiados. O componente Estágio Supervisionado deveria ser dissolvido em todas as disciplinas do Curso, ou seja, cada professor de diferentes áreas deveria trabalhar a prática docente com seus alunos e não deixar toda responsabilidade para os componentes didáticos. Se é um curso de formação de professores, o porquê de trabalhar a prática docente apenas no término do curso? A escola deve ter um vínculo muito maior com a Universidade.

Ao término do estágio ao invés de relatar a experiência do estagiário na escola, poderia ser feito um projeto que pudesse melhorar o ensino ou até o espaço físico da escola. Este projeto deveria ser feito junto ao corpo de alunos, professores, diretores e até os pais dos alunos. Pois o caráter do ensino é também promover benefícios a sociedade. Assim o estagiário iria promover a verdadeira ponte entre a escola e o meio acadêmico. O relato de experiência do estágio poderia ser uma apresentação individual de cada estagiário, onde seria exposto e socializado cada experiência e também apresentaria sua contribuição para a escola, ou seja, o seu projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre tudo que foi exposto e discutido neste trabalho, pode-se concluir que o Estágio Supervisionado II, é de grande responsabilidade e indispensável a qualquer aluno de Licenciatura, visto que sua contribuição é uma experiência na escola e na sala de aula. Ressaltando que apenas a prática não é necessária, um bom professor deve ter segurança, conhecimento, conteúdo e atualização de tudo que expõe na sala.

O ato de ensinar Geografia vai além da sala de aula, devem atingir diversos lugares, territórios, paisagens, regiões, para que o aluno entenda a dinâmica do espaço. O estágio é o início da responsabilidade de lidar com seres humanos mistos, com diferentes condições sociais, mas que visam passar no final de cada série e ser “alguém” importante e indispensável à sociedade.

É importante repensar o ensino e sua função para a sociedade. O professor deve ser o vínculo entre o aluno, à disciplina e a sociedade. Pois é através desta relação intrínseca que a escola estrutura-se e corresponde com seu papel de formar cidadãos críticos e preparados para o exercício da cidadania.

A Geografia é a disciplina capaz de interagir as questões de economia, política, espaço, natureza e cidadania. Fazer uma boa formação no ensino de Geografia é a maneira mais fácil de politizar a Ciência Geográfica, com conteúdos não cristalinos e com abordagens atuais sobre a intervenção das forças sociais, aos demais ramos da sociedade. A prática é a teoria dissolvida na sala de aula.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. (coord.) *et. al.* **Geografia e Didática**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.

ARAÚJO, E.E.E.F.M. Félix. **PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO**. Campina Grande, 2011.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas-SP: Papirus, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KAERCHER, Nestor André. **Desafios e utopia no ensino de Geografia**. 3. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (org.) *et. al.* **Para onde vai o ensino de Geografia?** 7. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

TERRA, Lygia; COELHO, Marcos de Amorim. **Geografia Geral e Geografia do Brasil: O espaço natural e socioeconômico**. Volume único – 1. ed.- São Paulo: Moderna. 2005.